



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Escrevivências de um corpo preto entre-lugares na peça de teatro pós-moderno “Bagagem de Desjeitos”

Thiago Francysco Rodrigues Cassiano  
Gustavo Henrique Lima Ferreira

Para citar este artigo:

CASSIANO, Thiago Francysco Rodrigues; FERREIRA, Gustavo Henrique Lima. Escrevivências de um corpo preto entre-lugares na peça de teatro pós-moderno "Bagagens de Desjeitos". **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 50, abr. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573101502024e0208

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



## Escrevivências de um corpo preto entre-lugares na peça de teatro pós-moderno<sup>1</sup> “Bagagem de Desjeitos”<sup>2</sup>

Thiago Francysco Rodrigues Cassiano<sup>3</sup>

Gustavo Henrique Lima Ferreira<sup>4</sup>

### Resumo

Este artigo discute o processo de criação cênica “Corpo-Alvo: Poética e Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares” que integra o espetáculo “Bagagem de Desjeitos”, resultante do curso de Teatro da Universidade Federal do Tocantins. O objetivo é problematizar questões de raça/racismo infringidas aos corpos pretos de modo estrutural. O referencial teórico se construiu partindo de estudos em filosofia cosmológica africana e de pesquisas em teatro. Conclui-se que as artes da cena podem potencializar a problematização do racismo/racialização nos corpos-pretos, uma vez que a práxis teatral possibilita ao encenador e/ou performer investigar os impulsos silencia(dores) que represam a sua existência.

**Palavras-chave:** Teatro pós-moderno. Corpos pretos/afrodiaspóricos. Teatro. Universidade Federal do Tocantins..

---

<sup>1</sup> Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Letícia Maria Alves Braga. Mestre em Letras na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em Letras - Português pela UFPI.

<sup>2</sup> Termo utilizado a partir do ato falho do ex-Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (PL) durante o rompimento da barragem de dejetos na cidade de Brumadinho – Minas Gerais – Brasil.

<sup>3</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI - 2019). Licenciatura em Teatro pela UFT. Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Paulista (UNIP - 2016).  thiagocassiano@mail.uft.edu.br  
 <http://lattes.cnpq.br/3933666032471999>  <https://orcid.org/0000-0003-0502-4223>

<sup>4</sup> Doutorando em Artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduação em Artes Cênicas - Habilitação em Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor em regime de dedicação exclusiva do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Tocantins (UFT).  
 gustavohenrique@mail.uft.edu.br  
 <http://lattes.cnpq.br/7417670796202428>  <https://orcid.org/0000-0003-4298-2156>



## Escrevivências de a black body between places in the postmodern theater play “Bagagem de Desjeitos”

### Abstract

This article discusses the process of scenic creation “Corpo-Alvo: Poética e Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares” that is part of the show “Bagagem de Desjeitos”, resulting from the Theater course at the Federal University of Tocantins. The objective is to problematize issues of race/racism inflicted on black bodies in a structural way. The theoretical framework was constructed based on studies in African cosmological philosophy and research in theater. It is concluded that the performing arts can enhance the problematization of racism/racialization in black bodies, as theatrical praxis allows the director and/or performer to investigate the silencing impulses that hinder their existence.

**Keywords:** Postmodern theater. Black/Aphrodisporic bodies. Theater. Federal University of Tocantins.

## Escrevivências de un cuerpo negro entre lugares en la obra de teatro posmoderno “Bagagem de Desjeitos”

### Resumen

En este artículo se analiza el proceso de creación escénica “Corpo-Alvo: Poética e Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares” que forma parte del espectáculo “Bagagem de Desjeitos”, resultante del curso de Teatro de la Universidad Federal de Tocantins. El objetivo es problematizar las cuestiones de raza/racismo infligido a los cuerpos negros de manera estructural. El marco teórico se construyó a partir de estudios de filosofía cosmológica africana e investigaciones en teatro. Se concluye que las artes escénicas pueden potenciar la problematización del racismo/racialización en los cuerpos negros, en la medida que la praxis teatral permite al director y/o intérprete investigar los impulsos silenciadores que obstaculizan su existencia.

**Palabras clave:** Teatro pós-moderno. Cuerpos negros/afrodiaspóricos. Teatro. Universidad Federal de Tocantins.



## Introdução

A ideia para este artigo surgiu durante o processo de formação contínuo dos autores. Durante o mestrado em Educação pela Universidade Federal do Tocantins, Thiago Cassiano produziu estudos associados a dois grupos de estudos: o Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com Minorias Sociais Nortistas Amazônidas, o GEPEC-Minorias/UFT-CNPq<sup>5</sup>; e o Grupo de Pesquisa África-Brasil: Produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global (IHL/Malês)<sup>6</sup>.

Simultaneamente, Gustavo Henrique concebeu uma pesquisa sobre os impactos da relação do ensino e da encenação teatral com as imagens técnicas e as mídias digitais, junto ao Grupo Performatividades e Pedagogias, no doutorado de Arte Educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP<sup>7</sup>.

Dessa forma, pretende-se nesta pesquisa discutir o processo de “despalavramento” das escritas feitas a tinta branca nos corpos de pessoas pretas e das diásporas africanas, a partir de uma construção cênica denominada “Corpo-Alvo: Poética e Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares”, desenvolvida inicialmente a partir do espetáculo *Bagagem de Desjeitos* (2019).

Nessa direção em que a relação entre o corpo e a comunicação são lineares no que tange a identidade (étnica, cultural e subjetiva) do sujeito preto e da diáspora africana, o corpo no campo da comunicação se expressa segundo os costumes aos quais está inserido, criando assim uma imagética do que se acredita enquanto sujeito (Pessanha, 1994). Assim, Cassiano retrata que “denomino

---

<sup>5</sup> BRASIL, Diretórios dos Grupos de Pesquisa no. Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com Minorias Sociais Nortistas Amazônidas GEPEC-Minorias/UFT-CNPq. Disponível em: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/195137](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/195137). Acesso: 09 maio 2023.

<sup>6</sup> BRASIL, Diretórios dos Grupos de Pesquisa no. Grupo de Pesquisa África-Brasil: Produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global (IHL/Malês). Disponível em: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/184285](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/184285). Acesso: 09 maio 2023.

<sup>7</sup> BRASIL, Diretórios dos Grupos de Pesquisa no. Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias. Disponível em: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2996199213460533](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2996199213460533). Acesso em: 15 mar. 2024.



‘despalavramento’ o processo de descamação da branquitude e de seus costumes impostos pelo colonizador aos corpos pretos e afrodiaspóricos por diversas frentes” (Cassiano, 2017–2023, s/p).

Na Grécia antiga, por sua vez, inferia-se beleza ao corpo a partir da estética atlética, outrossim, na Idade Média o corpo passou a ser retratado atrelado às subjetividades do espírito. Sendo assim, o que se considera enquanto “beleza” permuta conceitos de acordo com os padrões impostos pelos grupos dominantes: “Por isso mesmo as santas figuras têm gestos mais soltos, naturais e espontâneos, e seus corpos são reproduzidos em todos os pormenores anatômicos” (Pessanha, 1994, p. 36). Estando o corpo preto e afrodiapórico inócuo de qualquer signo de beleza genuína, estética, quando se trata dos corpos das pessoas pretas e da diáspora africana, a percepção adotada se ampara em tessituras da objetificação sexual, da hiperssexualização e, por vezes, do sadismo.

O corpo humano, por ser social e político, torna-se também campo de/para disputas de poder. O corpo e a corporeidade são âmbitos conflituosos, difíceis de delimitar, visto que se trata de um lugar de convergência, de disputa de complexas pulsões morais, biológicas e políticas. Neste estudo, a concepção de corporeidade se debruça nas ações do teatro contemporâneo, ponto fulcral para a manutenção da cena teatral. Como apontam Vargas e Bussoletti, um teatro que evoque as relações sensório-corporais, “pois esse seria o aspecto diferencial que agiria como mola propulsora, no intuito de fazer com que o espectador sinta a necessidade de buscar o contato com esse tipo de expressão artística” (2007, p.15).

Desde a existência da humanidade, o corpo tem sido um cenário de “ batalha social, a luta de gêneros e de classes desenvolve-se em seu corpo, mesmo que, nem sempre, você se dê conta disso” (Ramirez, 2003, p. 14). Sobre isso, o teatrólogo francês Antonin Artaud mensura o corpo enquanto uma zona de guerra à qual deveríamos voltar (apud Ardenne, 2001, p. 10). Mesmo com o avanço das sociedades, o corpo/corporeidade ainda tem sido espaço de/para disputas. Em meados do século XXI ainda se pode observar como a ideia de corpo individual ganha força e passa a marcar questões como raça, gênero e classe.



Rudolf Laban, um dos pioneiros da discussão sobre o corpo e a dança moderna, afirma que “uma sequência de movimentos deve revelar, ao mesmo tempo, o caráter de quem realiza, o objetivo pretendido, os obstáculos exteriores e os conflitos interiores que nascem desse esforço” (Laban apud Amadei, 2006, p.32). A partir desta ideia, o pesquisador e pós-doutorando Bas’llele Malomalo (2021) menciona que a corporeidade do sujeito de origem cosmológico ancestral africana se debruça em especificidades singulares que se distanciam da visão de auto importância ocidental. Por assim ser, cremos que, por meio da cena teatral, esse corpo pode explorar-se para além dos padrões impostos pela branquitude. Robustecendo o mencionado, Fernando Aleixo (2008, p.40-41) afirma que:

A sensação é apenas o caminho, a condição, a passagem para uma consciência plena da realidade, realidade que é corpo, elo de ligação com o “superconsciente”, este lugar onde a essência da arte e a fonte principal da criatividade se ocultam. [...] A sensação é, neste caso, um plano de realidade, de uma realidade corporal, o estar no mundo, sentindo-o, tocando-o e sendo tocado por ele. A sensação como evidência tangível do sensorial.

Direcionando o que afirmou Aleixo (2008), a professora doutora da Universidade de São Paulo – USP, Sueli Carneiro (2011, p.66) destaca que “o intercuro sexual entre brancos, indígenas, e negros seria o principal indicativo de nossa tolerância racial, argumento que omite o estupro colonial praticado pelo colonizador sobre mulheres negras e indígenas”. O homem preto e da diáspora africana na sociedade brasileira é circundado pelo estereótipo de inculto, violento e falocêntrico. Essas escritas marcadas à ferro pelo colonizador se deram em tom de domesticação e de subalternização de sua identidade. Dentro dessa propositura, o homem preto e afrodiaspórico não é um homem e sim mais uma “coisa”, um “objeto usual”.

Na intenção de constatar as afirmações acima, em um estudo orientado pela professora doutora Ana Carolina Costa dos Anjos – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o primeiro autor desse estudo, se propôs a investigar os signos imagéticos criados por um corpo preto/afrodiaspórico em espaços públicos. Para o citado experimento, optou-se por desenvolver a fase prática do estudo em duas



capitais distintas do país, São Paulo - capital com 469 anos (com fundação em 25 de janeiro de 1554) e Palmas - capital com 34 anos (fundada em 20 de maio de 1989). Isso pois, segundo os autores a distância geográfica e social emergem enquanto parâmetros para a compreensão do racismo/racialização estrutural na formação da sociedade nacional (Almeida, 2021). O próprio Thiago aponta em sua pesquisa, com orientação de Anjos (2019), que:

[...] ‘negros’ ainda olham para não ‘negros’ de olhos baixos, em um ar claramente de inferioridade, a senzala ainda olha para casa grande. Assentos em transportes públicos vazios ao lado de um homem ‘negro’, trajando moletom e capuz, mesmo com transporte público lotado de pessoas em pé (Anjos; Cassiano, 2019, p.9).

Os supracitados dados adquiridos por meio de pesquisa implicada (Macedo, 2012) e exploratória (Minayo,1993) reforçaram a existência de desigualdade entre negros (pretos e pardos segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE,2019), por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad/2019) <sup>8</sup>.

### Do Romper das Barragens

Justaposto aos entendimentos que solidificam esta pesquisa, direcionando a arguição de transbordos de distintos corpos políticos e de suas ideologias é que se parte essa investigação. O Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (PL), em pronunciamento à nação brasileira sobre o desastre ambiental resultante do rompimento da barragem de rejeitos na cidade de Brumadinho – Minas Gerais, afirmou que“ [...] tivemos a triste notícia do rompimento de uma ‘bagagem de desjeitos’ em Brumadinho”<sup>9</sup> (Bolsonaro, 2019).

Construiu-se então o espetáculo com a proposta de colocar em cena essa “bagagem de desjeitos”, ou seja, esse acúmulo de malfeitos. A peça começava inspirada em trechos de “Terror e miséria no terceiro Reich”, de Bertold Brecht, em um resgate que é também escrivência, ao expor um fio que conectava a

---

<sup>8</sup> IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad/2019). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>. Acesso em: 28 jun.2023.

<sup>9</sup> TV BRASIL. O presidente da República, Jair Bolsonaro, fala sobre o rompimento da barragem em Brumadinho, MG. In: Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-K298C71rOk>. Acesso em: 05 set. 2022.



radicalização contemporânea ao fascismo de décadas anteriores. Passando pela adoração a figuras extremistas, essa escrivência ia mais além, no bloco seguinte do espetáculo que se destacava os efeitos desse extremismo na violência contra os corpos de pessoas pretas. Da violência policial, passando pela violência doméstica e a violência da luta de classes, com a opressão ao trabalhador.

O espetáculo terminava com a notícia do rompimento da barragem de brumadinho, em uma sobreposição a partir do ato falho presidencial, na qual essa “bagagem de desjeitos” rompia, soterrando os corpos dos atores, obrigados a lidar com o acúmulo de “desjeitos humanos” colocados às margens da sociedade, que a estrutura heterogênea e hegemônica tenta conter por meio do imaginário pluralista e harmonioso.

Processos que têm imposto aos corpos pretos a ineficácia de respiração social, sendo esses conduzidos à morte por inanição social e política, de modo que as artes da cena, possibilitam a esses corpos transbord(ar) os sufocamentos sociais a eles inferidos. Por fim, fechávamos com o poema “Aos que hesitam”, de Brecht: “Somos o que restou, lançados fora da corrente viva? Ficaremos para trás por ninguém compreendidos e a ninguém compreendendo? Precisamos ter sorte? Isto você pergunta. Não espere nenhuma resposta senão a sua.” (Brecht, 2000, p.32)

O confronto com o acontecimento se deu durante os ensaios, quando o grupo entendeu que estava ali a metáfora discutida durante os estudos teóricos para o desenvolvimento do processo de construção de cena. Tal metáfora se trata da imagem de um “represamento” social e subjetivo que não mais se sustentava, necessitando ser exposto. De modo que esses dejetos (e esses “desjeitos”), em que uma violência ignorada por tanto tempo (visto que o maltrato contra o meio ambiente é também uma violência) rompia diante de nós, de um modo que não mais podia ser ignorado.

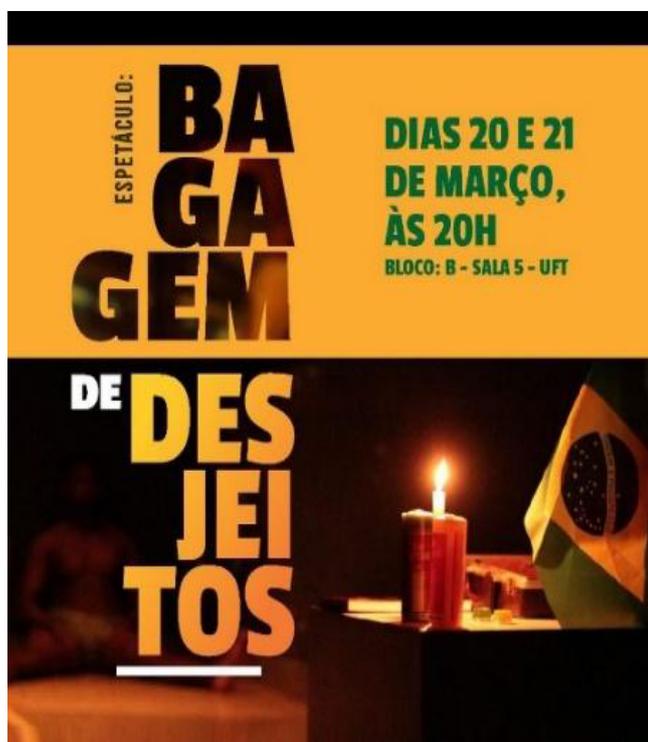
O “insight” para o processo das construções cênicas que formam o espetáculo “Bagagem de Desjeitos” surgiu de experimentações estéticas e poéticas no campo do teatro pós-moderno em que os estudantes-encenadores foram direcionados pelo diretor de cena, segundo o autor desse estudo, ao questionamento e à problematização do cenário político e social da atualidade.



Exaltamos nessa ideia de pós-modernidade o caráter plural de manifestações culturais e artísticas que surgem com o avanço da revolução cibernética, o uso de novas linguagens, o emprego de procedimentos como a intertextualidade, citação, paródia, ironia, humor e entretenimento para desconstruir os discursos instituídos, a revalorização do espectador e a criação de novos modelos de teatralidade, em uma relação com formas de representação que se caracterizam pelo uso de mestiçagens e hibridizações sem fronteiras demarcadas e pelo trabalho de criação coletiva. Podemos pensar em termos como Teatro pós-dramático, a partir de Hans-thies Lehmann (2007), ou Teatro performativo, a partir de Josette Féral (2008), mas no caso brasileiro, tomamos como referência o marco instaurador dessa pós-modernidade a partir da montagem do espetáculo Macunaíma, por Antunes Filho (Guinsburg, Lima, 2009).

Neste momento, o Brasil vivenciava a ascensão de ideologias de extrema direita aos três poderes constitutivos da república. Justaposto, às propostas que primam a excludência dos grupos minoritários de acesso aos direitos, estes estudantes-encenadores em terras tocantinas optaram por abordar tal problemática, que transpassava diretamente com as possibilidades ou impossibilidades da existência de seus corpos, uma vez que a identidade dos estudantes-encenadores circundava grupos sociais minoritários em direitos (homem preto retinto, uma mulher preta retinta e quilombola, e um homem cisgênero homossexual branco). O sociólogo Muniz Sodré (2005) afirma que grupos minoritários sociais são “[...]uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra hegemônica no círculo fechado das determinações societárias” (Sodré, 2005, p. 14).

Cartaz do espetáculo *Bagagem de Desjeitos*. Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas (2019). Fonte: Cartaz produzido por Letícia Neves dos Santos, a partir de foto de Gustavo Henrique. Acervo do espetáculo (2019).



Sobre o processo de construção do espetáculo, em matéria para o site da Universidade Federal do Tocantins – UFT, o diretor comenta que: “A ideia desse espetáculo, mais do que apontar o dedo para essa ou aquela figura, é questionar o extremismo que vemos em algumas situações, colocar algum foco em questões como a violência, o racismo” (Gustavo Henrique *apud* Santos, 2019), dentre outros males sociais oriundos de ideologias higienistas e eugênicas. Neste estudo, o centro motor das discussões teve como base o processo de construção cênica denominado de “Corpo-Alvo: Poética e Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares”.

O que o diretor afirma se apresenta no mesmo sentido de que menciona o sociólogo Gilberto Freyre em seu livro *Casa Grande e Senzala* (1933) ao propagar o imaginário pluralista da existência harmônica inter-racial no Brasil entre os povos originários indígenas, os brancos colonizadores e os pretos escravizados. Desconsiderando que no período colonial (XVI e o início do XIX) o corpo branco era o corpo que denominava por intermédio do chicote enquanto o corpo



preto/afrodiaspórico era o chicoteado. Dentro dessa realidade, é possível afirmar a existência de harmonia inter-racial?

Há males sociais (rompimento da barragem de Brumadinho – MG, Brasil e o racismo estrutural) que são gestados dadas as posturas catatônicas e maniqueístas que objetificam e invisibilizam parcelas da sociedade. Desde a colonização, os povos pretos e indígenas foram explorados, minados de sua força, de sua identidade ancestral e alijados da participação social. O campo da arte e suas narratividades, neste caso a teatralidade, assim como em qualquer espaço que a pessoa preta e afrodiaspórica se insira, emerge como trincheira e resistência ao soterramento social e identitário a ele inferido pelo poderio branco hegemônico.

### Percursos Metodológicos

Esta investigação se debruça em método de pesquisa implicado em que o pesquisador está e/ou é atravessado diretamente pelo objeto/situação de pesquisa, sendo essa uma possibilidade para as denúncias de negação de direitos sociais. A pesquisa implicada é

[...] constituída na base por *etnocompreensões*, intercriticamente construídas; sensibilizada por uma ideia de política de pesquisa e de conhecimento de possibilidades emancipacionistas, a etnopesquisa simplificada se identifica com a *heterogênese do protagonismo* dos movimentos sociais e das ações afirmativas em educação a partir da sua orientação etno e seu arqué crítico (Macedo, 2012, p. 179).

Sobre a citada metodologia, os pesquisadores Mattos e Castro (2011, p. 45) dizem que “[...] fazer etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer Etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais”. Para o professor pós-doutor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Bas’llele Malomalo (2021), a filosofia cosmológica africana entende o homem e o que dele emana como parte integrante e integradora da natureza, sendo ele uma partícula do “Noun” (Deus para os egípcios de Nut). Nessa direção, corpo, espírito e subjetividade comungam entre si e entre os espaços de modo respeitoso, afetivo e criativo, o que se difere do modo com que o branco social compreende a si mesmo, o outro e o mundo (Malomalo, 2021).



O que o filósofo e professor doutor Mogobe Bernard Ramose (2010)<sup>10</sup> menciona é que a partícula do “Noun” aportada por Malomalo (2021) é conhecida também como “Nzambi”; Água Abissal Criadora, o Ser-Autogestato. Sobre isso, o professor doutor da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Luis Tomas Domingos (2011), em seu estudo *“A Visão Africana em Relação à Natureza”*, evoca que a:

[...] cosmovisão africana está estabelecida no Universo e é influenciada pela ordem dos seres na natureza. Esta finalidade é independente dos desejos do homem, mesmo das suas aspirações mais sublimes. Alguns homens dão sentido à sua existência, orientados pela condição da sua riqueza simbólica, de sua família e pelas suas qualidades hereditárias, pelo poder religioso, acompanhados pelas doutrinas mitológicas e filosóficas etc. Mas, na cultura Africana existe o parentesco original entre o homem e a natureza. Um dos fundamentos da arte de viver do Africano é a “participação” ou a comunhão profunda com a Natureza. Podemos situar as diferenças entre a arte de viver dos Ocidentais, europeus e a arte de viver dos Africanos (Domingos, 2011, p.02).

Partindo deste olhar afro-centralizado é que surgiram os estudos práticos para a construção do processo “Corpo-Alvo: Poética e Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares”. Agora este estudo empírico do campo das artes da cena firmaram seus pés nas teses de Malomalo (2021), Ramose (2011), (Domingos, 2011) e nas propostas estéticas do TEN – Teatro Experimental do Negro com frontalidade nas práticas do “Teatro do Oprimido” (1991) preconizado pelo teatrólogo e dramaturgo Augusto Boal (1991). O resultado desse processo de criação cênica resultou em um (re)pensar dos estudantes-encenadores sobre a ocupação do corpo da pessoa preta e afrodiaspórica nos espaços da cena teatral nacional e local, visto que os estereótipos que permeiam estes corpos os direcionam para um represamento social de suas identidades, manifestações artísticas da cena e de outras narrativas.

O Teatro Experimental do Negro, companhia teatral brasileira, fundada por Abdias do Nascimento, nasceu como um espaço potencializador das vozes pretas represadas socialmente, onde o fazer criativo, estético, poético e as inquietudes dos encenadores pretos seriam entendidas e discutidas a partir do

---

<sup>10</sup> Mogobe Bernard Ramose é um filósofo sul-africano, um dos principais pensadores que popularizou a filosofia africana, especificamente a filosofia Ubuntu, internacionalmente.



aquilombamento. O Teatro Experimental do Negro – TEN não propôs somente um modelo estético, mas uma estética preta em e para a cena.

De acordo com a professora doutora da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFBA, Evani Tavares Lima (2010) em sua tese de doutoramento - “*Um olhar sobre o Teatro Negro do Teatro Experimental do Negro e do Bando de Teatro Olodum*” (2010), tem-se um reforço do exposto acima, mencionando a existência de três categorias que estruturam e sistematizam o grupo TEN, são elas: i-) performance negra – manifestações populares, cosmológicas e religiosas; ii-) teatro de presença negra – estudo das poéticas ancestrais; iii-) teatro engajado negro – destinado aos aspectos políticos.

“Bagagem de Desjeitos” partiu da resistência às barbáries infringidas aos corpos de pessoas pretas e afrodiáspóricas pelo racismo/racialização. Sobre o percurso escolhido, Cassiano e Anjos (2018, p. 04), reforçam que “[...]é por esse ângulo, que se entende arte e política fundidas em um campo semiótico e subjetivo, no qual as experiências subjetivas no seu fazer e apreciar, afetam o indivíduo” de modo que venha a despertar no corpo preto e afrodiáspórico, criador em artes da cena, “[...] inquietudes políticas, afetivas e sociais, pois cremos que, se a arte não for para criar inquietude, então já se faz morta [...]”.

O trajeto para a construção do espetáculo como um todo e de seus processos de criação de cena, percorrem caminhos não sequenciais ganhando ares de pluridisciplinaridade, uma vez que para a filosofia cosmológica africana, o corpo e a corporeidade do sujeito ancestral cosmológico africano não está desconexa do mundo e dos outros campos nele existentes, uma vez que tudo está em estado de interconectividade. “Nesse sentido, a ciência inventada na África pré-colonial estruturou-se numa concepção holística e numa abordagem que oscilava entre o que se denomina hoje de *multi, inter e transdisciplinaridade*”<sup>11</sup> (Malomalo, 2021, p.06).

---

<sup>11</sup> Doutor em Sociologia pela UNESP, docente no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH/UNILAB).



## Escrevivências sobre a Criação

A construção da dramaturgia do espetáculo se deu de modo coletivo pelos estudantes-artistas e resultou da conclusão do curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Tocantins, Campus de Palmas (2019). O processo contou com a participação de três estudantes-encenadores, sendo eles: um homem preto retinto natural de São Paulo (primeiro autor do artigo), uma mulher preta retinta, quilombola, nascida no Tocantins e um homem branco autodeclarado homossexual, do Piauí. A produção audiovisual e direção de cena foi realizada pelo segundo autor deste estudo, homem preto de pele clara, carioca e docente do curso.

Para o psicólogo bielo-russo, Liev Vygotsky (1991) a escrita se trata de um modo de representar a linguagem oral. A escrita diz respeito à significação, à representação, às ideologias, aos conceitos e aos sentimentos por meio dos símbolos de origem gráfica, aprofundando a relação entre a escrita e a os aspectos sociais. O filósofo e pensador russo e de arte e cultura, Bakhtin (1981), menciona que a escrita possui um caráter interativo, isso pois, para compreender a linguagem escrita se há que entender a natureza sócio-histórica da palavra.

E nós, pretos e afrodiaspóricos, onde aporta a nossa palavra? Nessa direção, optamos por segurar nas mãos da professora doutora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Conceição Evaristo, que cunhou o termo "escrevivência" que se trata da junção das palavras "escrita" e "vivência". O termo se apresenta de modo mais tenaz do que a aglutinação de duas terminologias, mais dos seus efeitos e signos sobre os corpos pretos e afrodiaspóricos. Propomos nesse processo de criação cênica uma escrevivência impossível de ser " [...] lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (Evaristo, 2007, p. 21).

Deste modo, o teatro pode possibilitar a essas pessoas pretas o ecoar por meio de sua corporeidade, gestualidade e de sua voz, bem como a construção de múltiplas "escrevivências" que os habitam e secularmente tem sido "escritas à tinta branca"

Existe un residuo de la experiencia que habita en nuestro cuerpo



individual y también en nuestros cuerpos sociales que es irreductible a la palabra. Los saberes del cuerpo son otros tipos de conocimientos que pueden ampliar, airear, expandir los horizontes epistémicos a los que la academia eurocéntrica nos ha acostumbrado (Contreras, 2013, p. 85).

Ciente da multiplicidade dos povos e subjetividades africanas, este estudo compreende que, mesmo norteado por condutas panafricanistas<sup>12</sup>, sabe-se que o corpo preto retinto em experimentação cênico-teatral é um corpo originário de uma ancestralidade anterior a ele. Trata-se de uma corporeidade escrita secularmente e que, desde a colonização, tem resistido aos “pontos finais” a ele impostos pelo poderio hegemônico branco. Assim, segundo Cassiano, “os ‘pontos finais’ quais nos referimos, trata-se do escárnio e da animalização de nossos corpos, muito presentes nas artes da cena por meio da prática de *blackface*” (Cassiano, 2017–2023, s/p).

Ribeiro (2018, p. 32) afirma que “comediantes faziam sucesso apresentando para um público formado por aristocratas caucasianos personagens estereotipados de pessoas negras com o intuito de ridicularizá-las”. O autor supramencionado afirma ainda que “além de pintar o rosto de preto, eles pintavam exageradamente a boca de vermelho para chegar a uma ‘representação ideal’ do que julgavam ser o negro” (Ribeiro, 2018, p. 32).

O percurso estabelecido para a construção do espetáculo aportou-se com a introdução de um questionário aberto apresentado aos estudantes-encenadores no final do ano de 2018 para que pudessem manifestar seus posicionamentos sócio-políticos de interesse que posteriormente viriam a se tornar temas para a construção da dramaturgia. O que se propôs neste instante foi a compreensão destes corpos-encenadores enquanto sujeitos pertencentes a grupos minoritário (pretos, mulher-quilombola e homossexual) num período da história nacional na qual discursos racistas, eugênicos e homofóbicos fervilhavam em um clima de tensão social.

Partindo destes, durante o recesso de final do ano de 2019, o diretor do

---

<sup>12</sup> Pan-africanismo nasceu da luta de ativistas negros em prol da valorização de sua coletividade étnico-racial. Sua marca original é a construção de visões positivas e internacionalistas acerca desta identidade, entendida como comunidade negra: africana e afrodescendente. Entre seus representantes, destacam-se intelectuais como E. Blyden, W. E. Du Bois, M. Garvey, Frantz Fanon e K. N’Krumah. (Barbosa, 2011/2012)



espetáculo compilou uma miríade de materiais, que incluíam textos como uma tradução do discurso *E eu não sou uma mulher?*, feito no século XIX por Sojourner Truth (2014), trechos da peça *Terror e miséria no terceiro reich*, de Bertold Brecht (2008), e da transcrição da obra *Intervenção no Rio: Como Sobreviver a uma abordagem indevida*, de Ad Junior, Edu Carvalho e Spartakus Santiago, exibida na exposição Histórias Afro-Atlânticas de 2018; assim como registros audiovisuais da Alemanha e da Itália entre os anos 1930 e 1940, vídeos de operações policiais em favelas brasileiras e declarações de integrantes da equipe do governo recém eleito, incluindo trechos do discurso de posse do novo presidente.

Na atuação das performances multimídia, bem como na atuação brechtiana, tudo parte e tudo volta ao real num questionamento que busca analisar-lhe a situação. É, portanto, sobre a análise do real e sua percepção pelo artista e pelo espectador que resulta o essencial do trabalho de distanciamento (Féral, 2015, p. 237).

A combinação de elementos do distanciamento brechtiano com a utilização de registros audiovisuais contemporâneos considerou a proposição metodológica apresentada por Josette Féral (2015) ao abordar a relação entre a reprodução do real fora de suas relações – de modo fragmentado, não continuado – passando pela noção de desaceleração e imobilidade da imagem, da multiplicação detonada de seu conteúdo, nos levando à reprodução no palco do real, sem trabalho sensível da imagem, Féral (2015, p.237-239) relata que a:

É em virtude de as mídias autorizarem precisamente mais que qualquer outra forma espetacular tal aproximação extrema, quase absoluta entre a cena e o real, que o real encontra-se aí suprimido. De tanto reproduzir o real com exatidão, de se lhe ajustar, elas acabam por se colocar no seu lugar, por tragá-lo; o real midiaticado nada mais é que um simulacro, ilusão, ponto de vista, rota de fuga.

Por meio de um processo evocativo imagético, com o uso de projeções diretamente calçadas em registros audiovisuais não apenas artísticos, mas, principalmente, documentais e jornalísticos, lançou mão de elementos contemporâneos da lógica do distanciamento cênico, não do mesmo modo proposto no passado por Bertolt Brecht, mas atualizado para as relações contemporâneas, pois a:

[...] realidade da qual falava Brecht implicava a fé numa história universal que se dirigia ao destino da humanidade e colocava em cena um homem



universal, era uma realidade antes de tudo social e o homem aparecia aí como um produto da coletividade; a realidade da qual fala a arte performativa é mais atual num sentido. Essa realidade não é mais a da sociedade; ela é individual e afeta o homem somente fora de toda a ligação ao grupo; ela chega ao tema que tinha esvaziado o teatro brechtiano (Féral, 2015, p. 240).

A composição das histórias e singularidades distintas que se aproximaram pelo pertencimento afrodiaspóricos mantiveram as corporeidades de dois homens pretos e de uma mulher preta quilombola, protagonistas de suas próprias narrativas, frente ao corpo de um homem branco homossexual que, mesmo pertencente a um grupo minoritário (comunidade homossexual), ainda assim, era um corpo ocidental que se recusava em compreender o racismo/racialização enquanto ideologia supremacista racial que subalterniza corpos de pessoas pretas.

Em entrevista ao jornal *Estado de São Paulo* o artista multi-linguagem Ícaro Silva<sup>13</sup> - homem preto retinto e homossexual, enfatiza que a identidade homoafetiva não inocula um sujeito de ser racista. Ícaro Silva (2020) afirma que:

Eu já ouvi muito, de muitos meninos gays brancos que ‘eu não sinto atração por negro, não gosto de negros’. E aí eu pergunto ‘mas você conhece todos os negros do planeta Terra?’. Como é que você pode saber que você não gosta de uma pessoa baseada na etnia dela? Isso se chama? Racismo”, concluiu ele, destacando que muitas vezes os negros ou são hipersexualizados ou segregados dentro do movimento gay, e que essa situação precisa mudar (Silva *apud* Malar, 2020).

As interrelações entre estes corpos (branco e afrodiaspórico/preto) ocasionaram no fazer cênico teatral o reflexo das disputas sociais que se apresentam também de modo externo ao palco. O ocidental se vale de dialéticas de autoproteção a fim de justificar a racialização cometida por iguais. O corpo colonizador é um corpo dotado de “artimanhas” racializatórias, visto que expressa concepções ideológicas como menciona Laban (1978). Anjos e Cassiano (2019) afirmam que pertencer à África e suas diásporas é oposto a pôr-se a pensar África.

[...] saber e experienciar são campos completamente diferentes; é preciso ser ‘negro’ para sentir na pele essas mazelas, nesse ponto estamos falando sobre dores vividas, como também é preciso ser [homem preto]

---

<sup>13</sup> Ícaro Silva nasceu na cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo, em 19 de março de 1987. Ele é ator e apresentador de televisão. E atua em teatro e cinema. In. TELEVISÃO, Museu Brasileiro de Rádio e Ícaro Silva – Biografias. Disponível em: <https://www.museudatv.com.br/biografia/icaro-silva/>. Acesso em: 16 jun. 2023.



para sentir o que é ter seu direito de ir e vir negado de forma declarada pelos governos estadual e municipal, nesse caso estamos falando sobre dores percebidas. Esse experimento pautou-se por meio da ampliação do olhar e dos sentidos em prol de analisar não apenas o processo de colonização como forma estrutural das negritudes brasileiras, levando-me para um *transver* da realidade racista em que vivemos (Anjos e Cassiano, 2019, p. 09).

O que Anjos e Cassiano (2019) mencionam atrela-se de modo direto ao “pacto da branquitude” apresentado pela professora doutora pela Universidade de São Paulo – USP, Cida Bento (2022). Este pacto atua como sustentáculo para autoproteção do homem ocidental independente do que ele faça ou do que se cometa ao homem preto africano ou afrodiaspórico. Trata-se de uma demarcação territorial e da manutenção de privilégios hegemônicos.

O espetáculo que contou com duas apresentações, sendo elas nos dias 20 e 21 de março de 2019 no anfiteatro do “Bloco-B” da Universidade Federal Tocantins – Campus de Palmas sofreu ataques a fim de silenciar e oprimir os estudantes-encenadores devido à crítica sócio-política presente no espetáculo, por parte dos estudantes do curso de Bacharel em Engenharia Civil - UFT- Campus de Palmas e dos estudantes do curso Bacharel em Medicina da UFT- Campus de Palmas. Os ataques ocorreram por meio de publicações ofensivas nas redes sociais e pela retirada de cartazes da peça colados no campus de Palmas. Esta lógica de opressão e exclusão foi a mesma experimentada historicamente pelos povos colonizados pelo ocidente. Sobre isso, Njeri (2020) menciona que:

[...] compreender-se não universal e muito distante na escala de humanidade do Senhor do Ocidente, o sujeito negro se fratura, sendo inundado por uma série de memórias que corporificam a sua alienação diante da sua crença em fazer parte dessa humanidade ocidental. Então começa a enxergar com os olhos da consciência racial a dinâmica estrutural e estruturante da sociedade em que está inserido e ‘do cabelo alisado’, passando pelo ‘clareamento da família’ e o ‘eu nunca sofri racismo’ até chegar no ‘negro de pele branca’ e branco de pele negra’, vai se despindo dolorosamente de cada Eu de Si. Despindo-se do Ocidente de forma tão violenta e confusa, que pode ser metaforizada enquanto um surto afro ou um Afro surto. Nutrindo do conceito de surto - enquanto um sintoma que surge por influência de diferentes fenômenos que afetam as percepções, comprometem o equilíbrio mental e geram mudanças comportamentais (American Psychiatric Association, 2014) - para metaforizar a reação que o processo de consciência racial junto à memória dos racismos vividos causam no sujeito negro contemporâneo



aquilombado em míticas democracias raciais como o Brasil. E que, acreditando nos logarítmos, destina toda a potência pedagógica que o ódio e a pulsão palmarina trazem na lucidez racial, à textos, vídeos e áudios que esvaziam o sentido prático da luta, criando uma militância virtual capitalizada pela dinâmica do Ocidente, ao mesmo tempo que imobiliza o fazer ativo da prática antirracista que tem a educação, a arte, a autoproteção e autodeterminação como pilares fundantes (Njeri, 2020, p. 192 -193).

O que discorre a professora pós doutora pela Universidade Pontifícia Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Aza Njeri (2020, p. 192 -193) corrobora com a crítica exposta em “Bagagem de Desjeitos”, pelas comunidades pretas e pelos grupos de enfrentamento ao racismo, que se estabelece por inúmeras frentes. O espetáculo trouxe à tona uma nefasta estrutura de opressão sistematizada para sufocar as pessoas pretas, uma vez que o sistema de segurança pública, o sistema legislativo, em suma, é composto por brancos que vão se auto proteger (Bento, 2022).

A professora doutora e pesquisadora em semiótica da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo – PUC/SP, Lúcia Santaella (2019, p. 07) nos diz que os “[...] fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”. Neste sentido, o racismo/racialização - sistema de excludência e segregação secular pautado na hierarquização de corpos brancos sobre corpos pretos e indígenas - emerge como uma ideologia que tem em diversos campos da sociedade espaço para sua disseminação.

[...] o ‘ser negro’ foi produzido no campo das ideias a partir das necessidades políticas que fizeram com que os conceitos elaborados em diferentes áreas do conhecimento justificassem e reinventassem, a cada momento, o lugar do negro na sociedade. Os pares conceituais “selvagem x civilizado”, “cristão x pagão”, “branco x negro”, “caucasiano x africano” foram exemplos de processos classificatórios engendrados a partir de acordos globais de manutenção de poder e exploração. O ponto de vista colonizador e eurocêntrico estabeleceu hierarquias em seus projetos de dominação, que são especialmente virulentas contra a negritude (Silva, 2022, p. 151).

O racismo/racialização atua na sociedade brasileira de modo estrutural e estruturante, não sendo nenhum indivíduo responsável absoluto por este abjeto social, mas sim, o poder hegemônico. Este processo de criação surge atrelado ao entendimento de que somente a pessoa preta e da afrodiáspora saberá das dificuldades sobre o ser e o estar desse corpo preto e afrodiaspórico atuante no

campo das narrativas artísticas, uma vez que circundam sobre este corpo estereótipos jocosos, de violência e heterossexualização. No espetáculo, buscamos demonstrar a conexão dessas violências na construção social do dia-a-dia, seja na opressão policial, na tentativa de abuso doméstico e até na exploração do trabalho. “Não é do interesse compreender os comentários do artista negro, católico praticante, de forte relação familiar, cuja provocação é a de evidenciar a demasiada presença das marcas colonialistas, escravocratas e católicas” (Barbosa, 2017, p. 40) na construção da identidade brasileira.

É evidente que pessoas pretas, no campo das artes da cena, querem, podem e devem abordar outras temáticas que não a racialização de seus corpos e suas identidades. Mas, enquanto um jovem negro atua em um espetáculo por pouco mais de uma hora, outros três jovens negros terão sido assassinados (IBGE apud Marques, 2017)<sup>14</sup>.

Este é o ponto fulcral em que o homem preto se apresenta entre o fio da navalha da vida e da morte. O espaço entre-lugares para além de uma escolha identitária sobre o ser, estar e compreender-se homem preto em diáspora “tange um caminho ideológico, uma vez que a sociedade racializadora tem para nós, homens pretos, papéis definidos (o serviçal, o corpo sexualizado ou o marginal). Tido esse entendimento o que faremos? Optamos então por despallavrar o ‘sim sinhô!’” (Cassiano, 2017–2023, s/p).

Se propôs enquanto encenação, uma experimentação que buscava compreender o estado de necropolítica e subjetividade das pessoas pretas. Partindo do espaço denominado de entre-lugares (entre a necropolítica e a subjetividade), buscou-se migrar para o gesto a realidade sócio-política vivida pelas pessoas pretas e a violência histórica e coletiva a qual foram submetidas no processo afrodiaspórico que segue vigente na opressão e na violência física e psicológica contra pessoas pretas.

Uma das características do racismo é a forma como se aprisiona o corpo preto às imagens fixas e estereotipadas, reservando ao racialmente hegemônico o

---

<sup>14</sup> Pelos dados do IBGE, A cara 23 minutos ocorre o assassinato de um jovem negro (junção de pretos e pardos segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

privilégio de ser representado em sua diversidade. “A branquitude, portanto, é policromática, plena em sua diversidade. A negritude, no entanto, padece de toda sorte de indagações” (Carneiro, 2011, p. 66).

Thiago Cassiano em cena - Corpo-Alvo: Poética E Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares. Espetáculo *Bagagem de Desjeitos*. Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas (2019). Fonte: Foto de Gustavo Henrique. Acervo do espetáculo (2019).



Thiago Cassiano em cena - Corpo-Alvo: Poética E Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares. Espetáculo *Bagagem de Desjeitos*. Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas (2019). Fonte: Foto de Gustavo Henrique. Acervo do espetáculo (2019).





O professor doutorando e pesquisador do campo da comunicação Tarcízio Silva (UFBA)<sup>15</sup> em seu estudo, *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais* (2022), menciona que os dispositivos fotográficos e de registro audiovisual têm histórias que podem dizer muito sobre a imbricação das relações raciais na tecnologia. Intensificando a hiper representação do branco em detrimento de outros grupos étnico-raciais na cultura midiática, padrões tecnológicos “invisíveis” como os citados reforçam o abismo do acúmulo de mídias e objetos culturais (Silva, 2022, p. 154-156).

Permeado por *flashes* de comunidades periféricas sendo invadidas de modo truculento pela polícia, entrelaçadas aos sons de tiros, explosões de bomba de gás lacrimogêneo envoltos ao som de música clássica, evidenciaram a normatização dos mais diversos tipos violência que recaem sobre o corpo das pessoas pretas e afrodiáspóricas, enquanto a sociedade se apegava à ilusão da inexistência destes problemas sociais. Sobre o exposto, Rudolf Laban (1978) menciona a possibilidade do corpo que se movimenta tornar-se produtor de conhecimento, esse corpo produtor de conhecimento que menciona Laban se trata do corpo-político. O corpo-político é fruto do “despalavramento” físico, subjetivo e intelectual das narrativas ocidentais colonizadoras, no qual a pessoa preta aterra-se em sua ancestralidade afim de conhecer a si mesmo e o mundo que o cerca.

No conjunto ritualizado de procedimentos cosmogônicos, o corpo encontra sua totalidade, resolvendo a dicotomia entre singular e plural, entre sujeito e objeto. Ao mesmo tempo, a corporeidade dá origem a um tipo de percepção sensorial, que pode ser de fato concebida como “ecológica” (Sodré, 2017, p. 129).

O sociólogo Muniz Sodré (2017) aponta ainda que o humano é assim definido de dentro para fora, negando a alteridade com base em padrões hierárquicos estabelecidos pela cosmologia cristã e implicitamente endossados pela filosofia secular. Daí decorre o julgamento de que o “outro” (*anthropos*) não possui plenitude racional, portanto, seria ontologicamente inferior ao humano ocidental. É um julgamento que, na prática, abre caminho para a justificação da mais indizível

---

<sup>15</sup> Doutorando em Ciências Humanas e Sociais (UFABC), Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA).



violência (Sodré, 2017, p. 14).

Os estereótipos que circundam o corpo e a corporeidade das pessoas pretas e afrodiáspóricas atuam como assassinos de subjetividades e de identidades, sendo que, desde a primeira infância, o determinismo racial imbui possibilidades e impossibilidades de atuação a este corpo. Cassiano, em seu instrumento de pesquisa intitulado de “Diário de Bordo – Sentidos e Permissões de um Homem Preto: Afetividades e Atravessamentos Epistêmico-Sociais”, menciona que o:

[...] desafio enquanto artista para a construção desta cena foi justamente o de potencializar em meu corpo uma dor que não é minha, nem do meu povo, mas imposta a nós pelo racismo e por nós sentida, ao mesmo tempo que uma sutil canção clássica é ouvida. Que homem preto não se assusta ao ouvir um som de tiro? Que homem preto não tenta se proteger quando um agente de segurança pública se aproxima? Evidente que por mais árduo que tenha sido o processo de construção da cena e as duas apresentações do espetáculo, ter sido guiado por um diretor igualmente preto me trouxe para um lugar de confiabilidade. Ser guiado por um diretor preto trouxe-me uma sensação de pertencimento e de que o que se propôs a discutir está distante da premissa de agradar aos colonizadores. (Cassiano, 2017–2023, s/p).

O panafricanismo e a afro-centralidade emergem como caminhos para o rompimento com a estrutura radicalizadora. Esse entendimento está fortemente presente nos estudos de Abdias Nascimento (2004) e no Teatro Experimental do Negro que preconizou, por meio do teatro pós-moderno, a abertura de um canal para o reencontro das pessoas pretas com os processos criativos nas artes da cena.

## Considerações Finais

Pretendeu-se neste estudo, apresentar e discutir o processo de criação cênica “Corpo-Alvo: Poética e Singularidade de um Corpo Preto Entre-Lugares”, que integra o espetáculo teatral pós-moderno “Bagagem de Desjeitos”. Pautado nas propostas do TEN – Teatro Experimental do Negro (Lima, 2010), a proposta de construção cênica que fez afronte ao racismo/racialização infringida às pessoas pretas e da diáspora africana na cena teatral e na sociedade brasileira (Marques, 2017) confirmou que o teatro pode ser um potente disparador para o protagonismo de questões sócio-políticas que atravessam as pessoas pretas e afrodiáspóricas.



Constatou-se nesta investigação que o campo das artes da cena assim como em todos os espaços sociais protagoniza disputas étnico-raciais. De acordo com Laban (1978), a semiótica apresentada pelo corpo corresponde às construções ideológicas que atuam sobre o sujeito. Deste modo, ao propor uma experimentação estética em teatro pós-moderno sobre as mazelas da racialização impostas aos corpos das pessoas pretas e à sua subjetividade, este estudo tem como intenção evocar a esses sujeitos e corporeidades a possibilidade de comunicação.

O espetáculo que surgiu durante a ascensão de ideologias de extrema direita aos poderes da República Federativa do Brasil, fez-se importante devido a potencialização dos impactos do racismo/racialização ao corpo e à subjetividade do corpo preto e afrodiaspórico. Devido ao campo das artes da cena se encontrar majoritariamente ocupado por corpos brancos, inclusive por corpos brancos que se propõem a pensar africanidade de modo deslocado as filosofias cosmológicas africanas (Malomalo, 2021), o espetáculo em questão traz ao foco da discussão questões que por vezes são negligenciadas, partindo de percepções afrocentradas. Esse estudo se conclui reforçando a importância da afrocentralidade enquanto força motriz de resistência às influências hegemônicas brancas no campo das artes da cena que pretendem o silenciamento das narrativas pretas e afrodiaspóricas.

## Referências

ALEIXO, Fernando Manoel. Vocabulário poético do ator. *Ouvirouver*, Uberlândia, n.4, p.31-59, 2008.

AMADEI, Yolanda. Correntes migratórias da dança: modernidade brasileira. In: MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA, Paulo. *Reflexões sobre Laban, o Mestre do movimento*. São Paulo: Summus, 2006.

ANJOS, Ana Carolina Costa dos; CASSIANO, Thiago Francysco Rodrigues. O Processo De(S)Colonizador na Performance “Arte Mumbuca” do Fazer Artístico-Criativo aos Atravessamentos Poéticos e Afetivos. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 11, n. Ed. Especial, out. de 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/703>. Acesso: 11 out. 2022.



ARDENNE, Paul. *L’image corps figures de l’humain dans l’art du XXe siècle*. Paris: Éditions du Regard, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARBOSA, Cinara. “O que persiste como falta”. In: *Catálogo Prêmio Pipa*, 2017. MAM Rio de Janeiro, 2017, p.40.

BARBOSA, Muryatan Santana. “Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica”. In: *África*, São Paulo. v. 31-32, p. 135-155, 2011/2012 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/download/115352/113006/210575> Acesso em: 06 de janeiro de 2023

BRECHT, Bertold. *Terror e Miséria no Terceiro Reich*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2008.

BRECHT, Bertold. *Poemas 1913-1956*. Tradução e organização de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2012.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

AD JUNIOR; CARVALHO, Edu e SANTIAGO, Spartakus. “Intervenção no Rio: Como Sobreviver a uma abordagem indevida”. In: *Histórias Afro-Atlânticas*: [vol. 1] catálogo. São Paulo: MASP: Instituto Tomie Ohtake, 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASSIANO, Thiago Francysco Rodrigues; ANJOS, Ana Carolina Costa dos. A criação artística como um processo liberta-dor: afrodiaspóricos, quilombo e os atravessamentos poéticos afetivos. In: *Anais do X COPENE – (Re) Existência Negra e Ancestral - 18 Anos de Enfretamento*. Minas Gerais - Uberlândia, 2018. Disponível em: [https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1528655320\\_ARQUIVO\\_Acriacaoartisticacomoumprocessoliberta-dor.pdf](https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1528655320_ARQUIVO_Acriacaoartisticacomoumprocessoliberta-dor.pdf). Acesso: 11 out. 2022.

CASSIANO, Thiago Francysco Rodrigues. de “Diário dos Sentidos e Permissões na Docência”. Obra não publicada – Instrumento Contínuo de Pesquisa. Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas - Tocantins (2017–2023).

CONTRERAS, María José Lorenzini. La práctica como investigación: Nuevas Metodologías para la academia Latinoamericana. *Poiésis*, Niterói, n. 21-22, p.71-86, Jul.- Dez. 2013.



DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DOMINGOS, Luis Tomas. A visão africana em relação à natureza. Anais Do III Encontro Nacional Do Grupo de Trabalho História Das Religiões E Das Religiosidades – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan. de 2011. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> Acesso: 14 nov. 2022.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

FÉRAL, Josette. *Além dos Limites - Teoria e Prática do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FÉRAL, Josette. “Por uma poética da performatividade: o teatro performativo”. In: *Sala Preta*, São Paulo, nº 8, 2008. p. 197-210. Trad. Lígia Borges.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GUINSBURG, J., FARIA, João Roberto e LIMA, Mariângela Alves de (Coord.). *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva: Edições SESC SP, 2009.

KAPROW, A. *Essays on the Blurring of Art and Life*. Berkeley, CA, Universidade da Califórnia: Ed. Jeff Kelley, 2003.

LABAN, Rudolph. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. Trad. Pedro Sússekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LIMA, Evani Tavares. *Um olhar sobre o teatro negro do Teatro Experimental do Negro e do bando de Teatro Olodum*. Campinas, 2010. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MACEDO, Roberto. Etnopesquisa implicada, currículo e formação. *Revista Espaço do Currículo*. v.5, n.1, pp.176-183, junho a dezembro de 2012.

MALAR, João Pedro. “Ícaro Silva fala sobre experiência com racismo na comunidade gay”. In: Estadão, 08 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/icaro-silva-fala-sobre-experiencia-com-racismo-na-comunidade-gay/> Acesso em: 16 jun. 2023.

MALOMALO, Bas´llele. Anterioridade e Feitura da Sociologia Africana. *Revista da ABPN* • v. 13, n. 36, mar. - mai. 2021.



MARQUES, Marília. “A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil”, diz ONU ao lançar campanha contra violência”. In: *Jornal G1*, 07 de novembro de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>. Acesso: 06. jan. 2023.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. *Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões*. Estudos Avançados, 2004.

NJERI, Aza. *Negro Rei: uma análise mulherista dos Homens Negros em Black is King*. [S. l.], coletivo ainda, 2020. Disponível em: <https://coletivoindra.org/blog-opiniao/negro-rei-uma-analise-mulherista-dos-homens-negros-em-black-is-king/2020/08/11>. Acesso: 4 nov. 2022.

PESSANHA, José Américo Motta. Humanismo e Pintura. In: NOVAES, Adauto (Org.) *Arte pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.19-41.

RAMIREZ, Juan Antonio. *Corpus solus: para un mapa del cuerpo en el arte contemporáneo*. Madrid: Ediciones Siruela, 2003.

RAMOSE, Mogobe. Globalização e ubuntu. In: SOUSA, Boaventura dos Santos; MENEZES, Maria Paula. *Epistemologia do Sul*. São Paulo, 2010.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTAELLA, Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri, SP: Estação das Letras e Cores. 2019.

SANTOS, Daniel dos. “Espetáculo Bagagem de Desjeitos marca encerramento do semestre para curso de Teatro nesta quarta e quinta”. In: UFT – Cultura, 20 de março de 2019. Disponível em: <https://www2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/24937-espetaculo-bagagem-de-desjeitos-marca-encerramento-do-semester-para-curso-de-teatro-nesta-quarta-e-quinta>. Acesso em: 05. set. 2022.

SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2022.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. *Comunicação e Cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005. cap. 1, pp. 11-14.



TRUTH, Sojourner. “E eu não sou uma mulher?”. In: Portal Geledés, Janeiro de 2014. Disponível em <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

VARGAS, Vagner de Souza; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Dramaturgia da corporeidade do ator: proposta e reflexões. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, vol.8, n.4, p. 65-87, jan./abr.2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/17036/pdf> Acesso em: 28 jun.2023.

VYGOTSKY, Liev et al. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 3.ed. São Paulo: Ícone, 1991.

Recebido em: 10/09/2023

Aprovado em: 31/03/2024